

Prefácio

Consuelo Novais Sampaio

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

SAMPAIO, C. N. Prefácio. In: SARMENTO, S. N. *A raposa e a águia*: J.J. Seabra e Rui Barbosa na política baiana da primeira república [online]. Salvador: EDUFBA, 2011, pp. 11-15. ISBN 978-85-232-1153-0. Available from: doi: [10.7476/9788523211530.001](https://doi.org/10.7476/9788523211530.001). Also available in ePUB from: <http://books.scielo.org/id/ykf8q/epub/sarmento-9788523211530.epub>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International license](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença [Creative Commons Atribuição 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia [Creative Commons Reconocimiento 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

PREFÁCIO

A Raposa e a Águia é o mais fascinante livro de história que li ultimamente. Mostra como a produção historiográfica pode ser atraente literatura investigativa. E para os desavisados, revela que história é cultura, fonte de conhecimento. Dificilmente o leitor largará o livro antes de chegar à última página. Através de dois luminares da história brasileira, Rui Barbosa e José Joaquim Seabra, Silvia Noronha Sarmiento reconstrói uma das mais complexas e instáveis fases da história brasileira, correspondente às primeiras décadas republicanas. Ambos viveram num mundo sacudido pela grave crise econômica no fim do século XIX. Atuaram num período conturbado de transição da Monarquia para a República, envolvendo a abolição da escravatura e a instalação de um regime político para nós desconhecido, e cujas regras e jogo político teríamos de inventar. Também foram partícipes de duras batalhas, pela disputa do poder, além das sangrentas ocorridas na 1ª Guerra Mundial.

Para inserir os seus personagens e analisar suas ações, nesse cenário imprevisível, Silvia valeu-se do método histórico-comparativo. Identificou elementos de convergência e atração, assim como os de repulsa e competição, na trajetória social e política desses dois grandes brasileiros. Desvendou e clareou um período ainda nebuloso e mal compreendido da nossa história.

Ao abordar a relação entre Rui e a política baiana, *pari-passu* com J.J. Seabra, outro personagem dominante na política nacional e estadual, Silvia preencheu enorme vazio não só na historiografia brasileira, mas também na extensa bibliografia de mais de 760 obras sobre o nosso Águia. Incompreensível vazio, uma vez que a base de sustentação eleitoral de Rui Barbosa estava na Bahia, o que garantiu a sua eleição e reeleições consecutivas para o Senado da República. No primeiro período republicano, os jornais foram um dos principais, se não o principal veículo de divulgação e de sustentação política. Para tanto, Seabra criou a *Gazeta do Povo* e, em seguida, o *Democrata*. Rui Barbosa não precisou possuir um jornal na Bahia, porque todos, inclusive os seabristas, sentiam-se honrados em divulgar os seus feitos gloriosos, e os ideais de liberdade e justiça por ele pregados. Numa visão panorâmica, a autora afirma que, até a ascensão de Getúlio Vargas, não houve político brasileiro que gozasse de popularidade equiparável à de Rui Barbosa. Aliás, até hoje, ele não deixa de ser citado por intelectuais e políticos, mormente na Bahia.

Por outro lado, ao analisar a formação e atuação política de J. J. Seabra, Silvia desfez a imagem propagada até o presente pela maioria dos estudiosos baianos, que o veem como um “déspota truculento”, relacionando sempre a sua atuação política ao “bombardeio de Salvador”, em 1912, e à destruição da Catedral da Sé. Sabe-se, no entanto, que o primeiro foi perpetrado por forças federais, e que a destruição da Sé foi requerida por capitalistas, consentida pela Igreja e realizada no governo do interventor Juracy Magalhães, em 1933. Lembre-se que desde 1923, coincidentemente ano do falecimento de Rui Barbosa, Seabra estava politicamente morto,



embora suas cinzas só houvessem ascendido às esferas siderais no ano de 1942. No entanto, Seabra foi feito símbolo do “urbanismo destruidor”, ainda que para promover a urbanização de Salvador houvesse se inspirado nos mais avançados códices urbanísticos da época, oriundos da Paris do barão de Haussmann. Por ser a capital da França a mais cosmopolita e avançada cidade da época, os feitos do barão foram reproduzidos nas mais importantes cidades da época, inclusive no Rio de Janeiro do prefeito Pereira Passos. Sem entrar nos estímulos político-sociais que conduziram às grandes intervenções urbanas então realizadas, basta lembrar que os dois citados reformadores promoveram a destruição de boa parte das ruas, igrejas e habitações então existentes naquelas cidades. Mas, ao contrário de Seabra, quando citados, são sempre louvados como grandes inovadores e modernizadores. Como explicar essa inconsistência?

Através de criteriosa e hábil investigação, Silvia confirmou a hipótese, por ela levantada, de que para a construção da imagem negativa que os baianos ainda têm de Seabra, “contribuiu, em parte, a rivalidade que se estabeleceu entre ele e o grande herói baiano e brasileiro do período”, Rui Barbosa. Foi generosa ao usar a palavra “contribuiu”. Eu a substituiria por “determinou”.

É fascinante constatar como os pontos de convergência entre esses homens notáveis fizeram com que estivessem unidos nos primórdios da República. É verdade que, ao concordar em apoiar a conspiração republicana, já em 1889, Rui teve intensiva participação na defesa dos seus ideais, com destaque para o federalismo. Seabra, ao contrário, tornou-se um republicano na 25ª hora. Ligado ao partido Liberal, no Império, Rui teve destaque nacional como um dos principais fundadores do novo regime político. Daí por diante, mesmo quando amargou o ostracismo, com a queda do marechal Deodoro da Fonseca, cresceu a sua imagem de “mestre do verbo, manejando com destreza as armas cortantes da retórica e da erudição”. Através da imprensa, observa a autora numa bela construção literária, Rui “arriscou seus primeiros volteios de águia, em voo solo”.



Por não haver atuado nas antecâmaras da República, e haver tido no Império ligação com o partido Conservador, a inserção política de Seabra no regime republicano foi mais penosa. Teve de desenvolver sua habilidade de **raposa**, ágil e flexível, para cavar espaço nos meandros do novo sistema político.

Ambos não divergiam quanto à necessidade de estabilizar a República, nem quanto à intensidade do gosto pelo poder. Apenas divergiram em relação aos métodos empregados para atingir os seus objetivos. Foram caracterizados na época por esses lendários animais. Tanto a **águia**, uma das maiores e mais fortes aves de rapina, quanto a **raposa**, sagaz e manhosa, são animais destemidos e ferozes, que os demais titubeiam enfrentar. Como os dois políticos, diferenciam-se no modo de agir. A força de Rui estava na palavra, que podia tirar de cena seus adversários, ou dignificar aqueles que o apoiavam. A força de Seabra, por outro lado, estava menos no campo teórico abstrato de doutrinas e imagens, do que no realismo político, na sagacidade, paciência e persistência para atingir os seus objetivos políticos. A despeito dessas armaduras, quando os dois se confrontaram o embate provocou ranhuras em ambos, e o final da contenda resultou na morte dos dois – física de Rui e política de Seabra. Não deixa de ser intrigante o fato desses grandes homens públicos haverem saído juntos da cena política, no mesmo tempo histórico e cronológico.

De que forma polarizaram eles a política baiana do período? Quais as circunstâncias históricas em que viveram? Quais as suas propostas políticas? Que estratégias de confronto desenvolveram? São algumas das indagações, claras e inteligentes, que nortearam essa pesquisa histórica. A sequência dos capítulos – Os contendores; A Arena e as regras; Confronto e tréguas – e os assuntos neles desenvolvidos e enriquecidos pelo estilo claro, sedutor e quase intimista da autora, faz com que a temática deste livro se desenvolva como uma das mais abalizadas histórias de aventura político-social do nosso País, conduzida por rigoroso método de pesquisa historiográfica.



A ênfase deste estudo está no confronto entre Rui e Seabra, para o que, depois de analisar as origens sociais, formação profissional e ligações políticas de ambos personagens, a autora reconstruiu, com extrema sensibilidade, a arena, as regras e os rituais do jogo político. Sem titubear, mergulhou nos discursos proferidos por ambos, para o que aprofundou os seus conhecimentos de retórica e de filosofia política, não deixando de lançar o olhar investigativo na intrincada rede de interesses do capital internacional. A formação multidisciplinar de Silvia Noronha Sarmento, aliada ao modo competente com que se apoiou em extensiva e atualizada bibliografia, faz com que as suas afirmações e conclusões sejam difíceis de serem refutadas.

A fim de permitir que o leitor sinta o prazer de desvendar a trama que envolveu o relacionamento de Rui Barbosa e J. J. Seabra, apenas lembro que a relação amistosa que inicialmente os envolveu foi abalada pela rapidez com que Seabra galgou os degraus da projeção política nacional. Ainda nessas circunstâncias, a postura de Seabra continuou a ser de admiração e respeito pelo “maior dos brasileiros vivos”. Quando essa relação se azedou, Seabra tentou reativá-la, cortejando-o com uma caixa cheia das adocicadas mangas da ilha de Itaparica. Educadamente, Rui as recebeu, mas não demorou para Seabra encontrar fechadas as portas do palacete de São Clemente. O confronto entre a águia e a raposa foi-se tornando cada vez mais agressivo, e terminou com o trágico fim de ambos.

Em resumo, este livro constitui peça imprescindível para que se entenda o comportamento e o desempenho político desses dois grandes brasileiros e, mais ainda, para que seja compreendida a política baiana e um dos períodos mais conturbados da história nacional

Consuelo Novais Sampaio

